



INTERTEXTUALIDADE: RELEVÂNCIA PARA INTERPRETAÇÃO TEXTUAL NO ENSINO FUNDAMENTAL ANOS FINAIS



INTERTEXTUALITY: RELEVANCE FOR TEXTUAL INTERPRETATION IN ELEMENTARY EDUCATION FINAL YEARS

CONCEIÇÃO ÉRICA DE ANDRADE PEREIRA

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | A AUTORA
RECEBIDO EM 25/07/2021 • APROVADO EM 20/11/2021

Abstract

Intertextuality is a concept that has been extensively studied in the field of modern linguistics and is a part of the pragmatic criteria of textuality. The purpose of this article is to understand how the study of this aspect occurs in text interpretation classes. Specifically, we seek to analyze the relationship of intertextuality with the construction of meaning, to understand how it may be relevant to the act of learning, to understand the textual reception related to the aspects inherent to it and to point out ways of inserting it in the act of reading proficiently. The qualitative field research was made in the 7th grade class of the Ariadnes Institute, Limoeiro-PE, took into account the PCNs of Elementary School and the studies and theories of authors of Textual Linguistics. In general lines, intertextuality has a great relevance for meaning, constituting an essential aspect for the complete understanding of the discourse, but still needs to be analyzed more completely in the classroom.

Resumo

A intertextualidade é um conceito que vem sendo bastante estudado no âmbito da Linguística moderna e faz parte dos critérios pragmáticos da textualidade. O presente artigo tem como objetivo mais amplo a

compreensão de como acontece o estudo desse aspecto nas aulas de interpretação textual. Especificamente, buscamos analisar a relação da intertextualidade com a construção do sentido, compreender de que forma a mesma pode ser relevante para a aprendizagem, entender a recepção textual relacionada com os aspectos inerentes a ela e apontar formas de inseri-la no ato de ler proficientemente. A pesquisa de campo qualitativa foi realizada na turma do 7º ano do Instituto Ariádnas, Limoeiro-PE, e levou em conta os PCNs do Ensino Fundamental e os estudos e teorias de autores da Linguística Textual. Em linhas gerais, a intertextualidade tem grande relevância para a significação, constituindo um aspecto essencial para o entendimento completo do discurso, mas ainda precisa ser analisada de forma mais completa na sala de aula.

Entradas para indexação

KEY WORDS: Intertextuality. Textual Interpretation. Learning.

PALAVRAS-CHAVE: Intertextualidade. Interpretação Textual. Aprendizagem.

Texto integral

1. INTRODUÇÃO

Não é de hoje que existem estudos centrados no texto, mas foi só nas últimas duas décadas do século XX que houve uma evolução perceptível da Linguística Textual, que surgiu na década de 60 como ciência e vem sendo aperfeiçoada desde então. Embora seja uma área de estudo recente, ela impulsionou os linguistas a descobrirem novas formas de entender o texto e seus significados, fixando seu objetivo de estudo não *na* palavra ou *na* sentença, mas no texto, levando em conta seu aspecto sociocognitivo.

O estudo do texto em seus vários aspectos passou a ser fundamental para entender a mensagem que existe por trás das palavras e também para uma melhor compreensão da construção textual. Somos seres sociais e precisamos lidar com textos nas mais diversas formas, pois eles estão por toda parte tanto orais quanto escritos. Portanto, é necessário que existam pesquisas relacionadas ao entendimento dos mesmos, para buscar uma compreensão de tudo que está envolvido na sua interpretação.

Os textos são muito estudados na disciplina de Língua Portuguesa, pois quando se trata do ensino de línguas, é de extrema necessidade que haja um estudo acerca das produções orais e escritas, que evidenciem as peculiaridades e significações da língua. Como foi possível perceber, os estudos centrados na análise dos aspectos textuais de estrutura e, principalmente, de uso ganharam novos contornos e uma maior visibilidade. Levando em consideração tal avanço, se torna óbvio que o ensino de interpretação de textos também avance, assimilando os conhecimentos que a Linguística Textual dispõe para os docentes e os alunos.

Muito se fala em coesão e coerência, mas existem os denominados fatores pragmáticos, que muitas vezes são apenas citados vagamente, sendo muito pouco trabalhados na escola. É fácil observar professores de Língua Portuguesa trabalhando coesão e coerência em suas salas de aula, mas os fatores pragmáticos são pouco conhecidos pelos alunos ou mesmo nem são citados ou analisados de

forma direta. Sendo assim, é de extrema importância que existam estudos centrados nesses fatores, levando-os para o contexto da educação.

Os sete critérios responsáveis pela textualidade, segundo Beaugrande e Dessler (1983) são: coesão, coerência, intencionalidade, aceitabilidade, situacionalidade, informatividade e intertextualidade. Desses, os dois primeiros fazem parte do material linguístico do texto, enquanto os demais são voltados para o entendimento pragmático.

Dos critérios pragmáticos aqui citados, a intertextualidade foi escolhida como objeto de estudo para o presente artigo por ser um assunto muito trabalhado pela Linguística Textual e revelar fatores que conferem coerência aos textos. Sua utilização será estudada no contexto educacional do Ensino Fundamental anos finais, mais especificamente no 7º ano, já que nessa fase, os alunos começam a ter uma melhor percepção dos textos e necessitam de novas perspectivas para avançar no entendimento da significação e, assim, obter um bom nível de interpretação, acarretando bons frutos para os níveis de ensino subsequentes.

É realmente importante trabalhar a intertextualidade no ensino de interpretação textual? Qual a contribuição desse critério para a aprendizagem do aluno? O docente de Língua Portuguesa trabalha a questão da intertextualidade? Essas perguntas serão respondidas nas seções posteriores. Afinal, a intertextualidade tem importância para o texto e merece uma análise que busque entender se há necessidade de incorporá-la ainda mais no cotidiano do ensino e, além disso, é necessário compreender como esse critério pode implicar em um melhor desenvolvimento e entendimento dos textos por parte dos alunos.

O principal objetivo desse artigo é observar a forma como se dá o estudo da intertextualidade nas aulas de interpretação textual. Como objetivo secundário, temos a análise de como a mesma pode ser relevante para a aprendizagem. Além disso, objetiva-se a reflexão sobre a intertextualidade na construção do sentido, a recepção textual relacionada com o entendimento dos aspectos inerentes a ela e a compreensão de como pode ser trabalhada pelos docentes de Língua Portuguesa. Esses estudos serão realizados à luz da Linguística Textual.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

As concepções de língua e linguagem, que aqui serão adotadas, compreendem qualquer ação linguística como sendo fruto dos contextos sociais. A língua pode ser definida como um conjunto de códigos, ou de signos linguísticos, que é realizado dentro de determinada comunidade, visando à interação humana. Esse fenômeno social se dá por meio de algumas regras que permeiam o seu uso e fazem com que o emissor produza códigos que serão decodificados pelo receptor durante a ação verbal ou gestual, dependendo do contexto externo de emissão e de recepção da mensagem. Já a linguagem trata-se da capacidade humana de emitir e compreender sistemas variados de comunicação. Ela faz com que o humano consiga expressar uma mensagem de forma natural, utilizando gestos, imagens, sons e signos falados ou escritos.

Para entender melhor a intertextualidade, se faz necessário conhecer as acepções de texto. Ele pode ser definido como um evento linguístico dotado de sentido realizado por meio da escrita ou da oralidade. Deve ser compreendido e realizado como uma unidade semântica e configura uma importante arma de comunicação. Em relação á definição de texto, Marcuschi afirma que:

O texto pode ser tido como um tecido estruturado, uma entidade significativa, uma entidade de comunicação e um artefato socio-histórico. De certo modo, pode-se afirmar que um texto é uma re (construção) e não uma simples refração ou reflexo. (MARCUSCHI, 2008, p. 72)

Dessa forma, podemos entender que o texto não se trata de um amontoado de palavras, mas trata-se de uma ocorrência linguística que acontece em determinado contexto, com determinada intenção e traz consigo implicaturas históricas e sociais. Beaugrand (1997 apud MARCUSCHI, 2008, p.72) diz que “o texto é um evento comunicativo em que convergem ações linguísticas, sociais e cognitivas”. Assim, é perceptível que o texto vai muito além de aspectos estritamente estruturais e linguísticos. Ele reúne também fatores externos que advém do contexto social em que é realizado e dos fatores relacionados ao pensamento, à percepção e ao raciocínio. Sendo assim, a realização textual será entendida por uma perspectiva social e contextualizada, visando o caráter dinâmico e mutável da língua. Afinal, o texto não é uma estrutura pronta e petrificada, mas apresenta diversas formas e construções de sentido, dependendo de fatores linguísticos e extralinguísticos.

Para que o texto seja entendido e tenha relevância enquanto unidade de sentido, é necessário que possua um fator fundamental chamado textualidade. Ela pode ser definida como um conjunto de características ou critérios que permitem que um texto seja reconhecido como tal e não somente como uma sequência frasal. Para isso, são levados em conta elementos conceituais e linguísticos que fazem com que essa cadeia linguística ganhe uma unidade, se transforme em um todo significativo.

Foi na década de 60, que a crítica literária Julia Kristeva introduziu o conceito de intertextualidade na literatura, fazendo referência às obras que traziam elementos presentes em outras. Para isso, ela baseou-se no conceito bakhtiniano de que um enunciado só pode ser entendido a partir de outros. Foi nessa mesma década que a Linguística Textual ganhou força e status de ciência e logo depois se apoderou do conceito de intertextualidade com uma visão discursiva mais ampla, deixando de lado o uso apenas literário.

O estudo do texto teve alguns estudiosos que foram pioneiros. Entre eles podemos citar dois grandes teóricos que são Beaugrande e Dressler. No ano de 1983, eles lançaram um livro chamado **‘Introduction to Text Linguistics’ (Introdução à Linguística Textual)**, onde os mesmos apresentaram a descoberta de sete critérios, inclusive a intertextualidade, que conferem textualidade a um enunciado, ou seja, critérios que dão o suporte à construção de sentidos.

Os sete critérios responsáveis pela textualidade são coesão, coerência, intencionalidade, aceitabilidade, situacionalidade, informatividade e intertextualidade. Coesão e coerência fazem parte do material linguístico do texto, os outros cinco critérios são voltados para o entendimento pragmático, ou seja, para o entendimento que procura observar o enunciado relacionando-o a aspectos culturais, sociais e históricos.

As pesquisas de Costa Val (1991) acerca dos critérios pragmáticos também serão utilizadas. Ela fala muito sobre a relação entre texto e compreensão como veremos no trecho abaixo:

Um texto será bem compreendido quando avaliado sobre três aspectos:

- a) O pragmático, que tem a ver com seu funcionamento enquanto atuação informacional e comunicativa;
- b) O semântico-conceitual, de que depende sua coerência;
- c) O formal, que diz respeito á sua coesão. (COSTA VAL, 1991, p. 4-5)

A partir dessa citação de Costa Val, pode-se perceber que os fatores pragmáticos se fazem indispensáveis na compreensão do texto e, assim, permitem a construção de sentido tanto para quem faz quanto para quem recebe. Dessa forma, os textos devem ser analisados também sob a ótica da pragmática e consequentemente levando em conta os aspectos intertextuais.

Marcuschi (2008) também será utilizado como base para as reflexões acerca da intertextualidade. Segundo o autor, os cinco fatores pragmáticos são na realidade “critérios de acesso à produção do sentido”, (2008, p.97), e estão envolvidos com a situação comunicativa diferente dos outros dois que estão ligados ao material linguístico. Desta forma, os fatores pragmáticos estariam diretamente ligados ao conhecimento de mundo, ou seja, ao contexto. Sobre intertextualidade, ele diz que:

Há hoje um consenso quanto ao fato de se admitir que todos os textos comungam com outros textos, ou seja, não existem textos que não mantenham algum aspecto intertextual, pois nenhum texto se acha isolado e solitário. (MARCUSCHI, 2008, p. 129)

Para um bom entendimento desse aspecto, precisa-se saber que a dependência de um texto com relação a outros textos é denominada intertextualidade e pode aparecer de forma implícita ou explícita, pode refurtar ou confirmar as ideias contidas nos textos base. Um exemplo clássico da intertextualidade são as paródias, que utilizam um texto notório para criar outro, preservando alguns elementos que permitem o reconhecimento do texto original. Posteriormente, o conceito de intertextualidade será aprofundado e seus fatores e tipos serão explicados detalhadamente.

Os estudiosos Koch, Cavalcante e Bentes (2005) serão utilizados como base para um estudo mais profundo da intertextualidade. Os autores analisam a questão intertextual utilizando muitas exemplificações e trazem divisões que Koch (2004, 2006) já havia utilizado em outras obras, além de conceitos inovadores de intertextualidade. Koch e Travaglia (1989a, 1989b) também contribuirão para o estudo em pauta.

2.1 TIPOLOGIAS INTERTEXTUAIS

Como dito previamente, a intertextualidade pode ser conceituada como a dependência de um texto com relação a outros textos. Afinal, um texto não se constrói e nem se interpreta do nada. Ele tem como pressuposto experiências anteriores do produtor, que ao ler e escutar discursos vai construindo seu próprio entendimento e o utilizando como base para produzir um discurso pertinente. Inclusive discursos precedentes do próprio produtor do texto podem ser usados em uma nova produção. Koch (2004) ressalta que:

A intertextualidade compreende as diversas maneiras pelas quais a produção/recepção de um dado texto depende do conhecimento de outros textos por parte dos interlocutores, ou seja, dos diversos tipos de relações que um texto mantém com outros textos. (KOCH, 2004, p. 42)

Muitas vezes é de grande necessidade que o recebedor conheça o(s) texto(s) que tem relação direta com o texto com que ele se depara. Assim, a intertextualidade não só confere pertinência à composição, como também é importante para a construção de sentido por parte de quem produz e de quem recebe. Ela serve de base tanto para confrontar ideias quanto para afirmá-las, podendo ocorrer entre quaisquer gêneros textuais, escritos ou orais, e em qualquer situação discursiva.

A intertextualidade também representa um fator de coerência, pois a partir desse diálogo entre textos se constrói os sentidos extralinguísticos. Vamos supor que um leitor/ouvinte se depara com um texto que possui ligação direta com outro, o qual ele nunca leu/escutou. Com certeza, esse discurso poderá parecer irrelevante e incoerente. Afinal, para que uma composição seja coerente na visão daquele que a recebe, deve apresentar certa compatibilidade com seu conhecimento. Dessa forma, o conhecimento intertextual e uma grande bagagem de leitura fariam com que o receptor percebesse os sentidos pretendidos pelo produtor e conseguisse ver a lógica da cadeia textual com a qual se deparou.

Segundo Koch, Bentes e Cavalcante (2005), a intertextualidade pode ser dividida em duas tipologias abrangentes e mais seis variações. A construção e/ou interpretação de qualquer texto transcorre do entendimento acerca de aspectos variados sobre o assunto discutido, sendo assim, recorreremos a discursos já escutados ou lidos para fazer essa ligação cognitiva. Temos, assim, a intertextualidade *lato sensu*, que é mais ampla e diz respeito a qualquer relação

interdiscursiva, apropriação de algo já dito ou escrito. Os autores dizem que “em razão desta – necessária – presença do outro naquilo que dizemos (escrevemos) ou ouvimos (lemos) é que postulamos a existência de uma intertextualidade ampla, constitutiva de todo e qualquer discurso”, (2005, p. 16).

A intertextualidade *stricto sensu* é constituída pelo intertexto, ou seja, um texto ou fragmento já produzido (texto-fonte), que faz parte da memória dos interlocutores, em outro texto. Portanto, se o receptor possuir um conhecimento de mundo abrangente, fica fácil verificar a intertextualidade presente em qualquer discurso, pois ela é muito mais evidente e específica que a *lato sensu*, mesmo que não esteja totalmente aparente. O conhecimento dos intertextos, nesse caso, é de extrema importância por se tratar de uma construção de sentidos intimamente ligada a eles. Afinal, esses, muitas vezes, conferem um sentido mais completo ao texto e sua retirada ou o seu desconhecimento podem causar um mau entendimento.

Ainda existem outras tipologias que possuem características próprias e merecem ser citadas aqui. A primeira delas é a intertextualidade temática, que parece muito com a *lato sensu*, mas difere dela por ser mais restrita. Diz respeito a textos que comungam de um mesmo tema, estão inseridos em uma mesma área do saber ou consistem em adaptações de qualquer natureza discursiva. São exemplos disso os textos produzidos no mesmo contexto social, em alguma época definida, como os jornais e revistas ou mesmo textos que fazem parte de determinado período literário. Temos ainda a intertextualidade estilística que pode ser definida como a repetição de estilos, de formas de escrever ou falar. Segundo Koch, Bentes e Calvacante, essa tipologia

Ocorre, por exemplo, quando o produtor do texto, com objetivos variados, repete, imita, parodia certos estilos ou variedades linguísticas: são comuns os textos que reproduzem a linguagem bíblica, um jargão profissional, um dialeto, o estilo de um determinado gênero, autor ou segmento da sociedade. (KOCH; BENTES; CALVACANTE, 2007, p. 19)

A denominada intertextualidade explícita permite que o leitor ou ouvinte tenha a informação de onde o intertexto foi retirado. É preciso que o receptor reflita sobre a escolha do autor em relação ao texto-fonte, sobre os sentidos que isso confere ao discurso. Além disso, a nova situação em que esse intertexto é apresentado traz uma nova carga significativa para o mesmo. As traduções, citações e resumos são exemplos dessa explicitude intertextual. Ela será desse tipo

Quando, no próprio texto, é feita a menção á fonte do intertexto, isto é, quando um outro texto ou um fragmento é citado, é atribuído a outro enunciador; ou seja, quando é reportado como tendo sido dito por outro ou por outros generalizados. (KOCH; BENTES; CALVACANTE, 2007, p.28-29)

Em contra partida, a intertextualidade implícita acontece quando o produtor do texto não cita qual foi a fonte utilizada na intertextualidade, ao mesmo tempo em que espera que o interlocutor ative na sua memória a lembrança desse texto-fonte e consiga, dessa maneira, entender a significação que está por trás desse uso. Na maioria das vezes, segundo Koch, Bentes e Cavalcante, “tais textos-fonte fazem parte da memória coletiva (social) da comunidade, imaginando-se que possam ser facilmente acessados por ocasião do processamento textual”, (2007, p.32). São exemplos disso, os textos reformulados de caráter paródico e irônico. Ainda sobre essa tipologia, Koch e Elias afirmam que

[...] podemos afirmar que o autor, ao produzir seu texto recorrendo implicitamente a outro(s) texto(s), espera que o leitor não só identifique o texto-origem como também – e principalmente – perceba o efeito de sentido provocado pelo deslocamento ou transformação de “velhos” textos e o propósito comunicacional dos novos textos constituídos. (KOCH; ELIAS, 2006, p. 95)

A Intertextualidade (inter) genérica e a tipológica representam mais duas tipologias da intertextualidade. Os textos podem ser apresentados em diversos gêneros, que possuem característica, estrutura e objetivos próprios. Quando o produtor recorre a determinado gênero, é porque conhece as situações em que ele pode ser usado e compreende os sentidos advindos dessa escolha. Porém, em algumas situações, eles podem assumir a função de outros. Essa interação entre seus estilos e finalidades, pode ser definida como intertextualidade (inter) genérica. Não é nada incomum vermos poemas, músicas e piadas presentes em propagandas, charges e etc. Quando um poema está inserido em uma campanha publicitária, ele acaba por assumir a função persuasiva da propaganda, por exemplo.

A intertextualidade tipológica diz respeito ao diálogo que os textos mantêm quanto a sua tipologia textual (narrativo, descritivo, injuntivo, expositivo e argumentativo). Essa relação tipológica interfere diretamente na estruturação e nos aspectos linguísticos e gramaticais. Sendo assim, o leitor classifica mentalmente esses tipos, os reconhecendo em diferentes gêneros textuais e traçando as suas implicações de sentido. A escolha de um gênero resulta diretamente no uso de tipologias que irão participar da construção textual. As produções, que compartilham de alguma tipologia, constituem uma intertextualidade dada pelas sequências linguísticas que caracterizam cada uma dessas tipologias, como, por exemplo, a presença de verbos de ação e diálogos, que podem estar presentes em romances, novelas, fábulas e etc.

3. METODOLOGIA

A presente pesquisa é do tipo pesquisa de campo, tendo caráter qualitativo. Ela teve como ambiente a sala de aula do 7º ano do Instituto Ariádnes, localizado na cidade de Limoeiro-PE. O colégio pertence à rede particular de ensino e a turma em

questão possui 23 alunos. Foram observadas duas aulas geminadas de interpretação textual, totalizando uma hora e quarenta minutos de observação. A turma em questão foi escolhida de forma aleatória e a aula ocorreu no dia 21 de junho de 2017.

Vale salientar que os estudos realizados objetivaram a observação do uso intertextual na aula de interpretação de textos. Além disso, buscou-se a reflexão da intertextualidade na construção do sentido, o entendimento da sua relação com a recepção textual e a identificação de fatores que colocassem em evidência a relevância da intertextualidade para a interpretação textual e conseqüentemente para a aprendizagem da mesma.

Além de nos debruçarmos sobre as teorias advindas da Linguística de Texto, nos debruçamos também sob os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa, disponíveis no portal do MEC, visando encontrar os conceitos que regem ou não a inserção da intertextualidade na sala de aula. Já que tais documentos trazem consigo os principais conhecimentos que devem ser trabalhados em sala de aula no Brasil e correspondem a um importante guia para os docentes de todo o país.

Houve um estudo de tudo que foi produzido e percebido nas leituras, juntamente com a análise do PCN para ter a confirmação da relevância da intertextualidade para o ensino. Além disso, houve a observação de duas aulas geminadas de interpretação no 7º ano. Para tanto, tivemos a autorização do docente, não identificado por conta da ética, que aceitou ministrar as aulas de interpretação, utilizando dois textos que escolhemos previamente. Um deles foi retirado de um livro de fábulas escrito por Monteiro Lobato e o outro foi retirado da internet.

Os textos foram apresentados ao docente uma semana antes da aula, para que esse planejasse sua aula os tendo como base. Porém, a intertextualidade, que foi o aspecto observado no ensino da interpretação, não foi citada em nenhum momento para que a pesquisa seja válida e real. Os textos escolhidos não apresentam fatores intertextuais de forma muito evidente, pois é importante comprovar que a intertextualidade de fato está presente em todos os textos mesmo que de forma bastante implícita.

O professor iniciou sua aula cumprimentando os alunos e descrevendo o que aconteceria na aula. O mesmo distribuiu os textos com os alunos e pediu que os lessem individualmente e em silêncio. Após essa primeira leitura, ele pediu que todos lessem juntos e em voz alta. Depois, iniciou os trabalhos interpretativos oralmente, pois segundo o mesmo a interpretação escrita, algumas vezes, restringe as ideias dos alunos. Os alunos tiveram espaço para indagar e apresentar suas opiniões, sempre sendo instigados pelo docente. Os debates foram aparecendo de forma bem espontânea e uma atividade escrita de cunho analítico foi passada aos alunos, com o intuito de sintetizar as discussões sobre o texto 1, que será revelado mais adiante.

4. INTERTEXTUALIDADE: IMPLICATURAS NA INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS

Os textos estão por toda a parte e são produzidos com o intuito de passar informações para os receptores. Nem tudo que é dito no texto está presente na sua escrita ou fala. Algumas informações devem ser cruzadas e outras precisam ser

subentendidas de acordo com o contexto em que acontecem. As lacunas de sentido deixadas pelo emissor, propositalmente, podem ser preenchidas com o conhecimento linguístico e com o conhecimento de mundo. A área de estudo responsável por essa decodificação é a interpretação de texto, que pode ser entendida como a capacidade de compreender a significação de uma mensagem através dos signos e através do entendimento dos sentidos que se escondem por trás deles.

Na escola, a interpretação de textos faz parte do dia a dia das aulas de Língua Portuguesa, buscando habituar os alunos com o texto para que consigam criar e entender as mensagens da melhor forma possível. Afinal, os textos representam uma forma de mudar a realidade, de convencer as pessoas, de passar e receber informações.

Qualquer texto que mantenha relação intertextual, de forma explícita ou implícita, utiliza-se das informações de outros textos para garantir uma compreensão satisfatória. Mesmo que a intertextualidade seja *lato sensu*, o receptor precisa conhecer informações de outras produções textuais para que a compreensão se torne mais concreta. Sabemos que toda leitura compreende uma intertextualidade, já que diversos textos são relacionados no momento do entendimento, mesmo que o leitor não tenha consciência disso. Inclusive, o repertório de textos conhecidos pelo leitor faz toda a diferença para interpretar.

Quando a intertextualidade é *lato sensu*, o leitor recorre mentalmente a vários discursos escritos ou falados com que ele teve contato durante sua vida. Já quando o texto apresenta uma intertextualidade *stricto sensu*, é preciso que o texto que foi utilizado como base seja conhecido pelo receptor. Isso se dá pelo fato de que o emissor não o utilizou inocentemente, sempre há alguma intencionalidade por trás desse uso, que pode modificar e/ou ampliar a interpretação.

Também é importante destacar que a inserção de “velhos” enunciados em novos textos promoverá a constituição de novos sentidos. É verdade que a nova produção trará os ecos do(s) texto(s)-fonte e esses se farão ouvir mais – ou menos – dependendo dos conhecimentos do leitor. Contudo, o deslocamento do contexto de um enunciado para outro, indiscutivelmente, provocará alterações de sentido. (KOCH; ELIAS, 2006, p. 78-79)

Quando se trata da interpretação textual, o caminho para entender a intertextualidade perpassa a percepção de outros textos dentro do texto analisado. Alguns deles necessitam que o leitor tenha o conhecimento prévio acerca das produções textuais que comungam com ele. Já que:

A intertextualidade, mais do que um simples critério da textualidade, é também um princípio constitutivo que trata o texto como uma comunhão de discursos e não como algo isolado. E esse fato é relevante porque dá margem a que se façam interconexões

dos mais variados tipos para a própria interpretação. (MARCUSCHI, 2008, p. 132)

Para que haja qualquer tipo de desenvolvimento linguístico, se faz necessário retomar experiências vividas, conhecimentos adquiridos e informações já conhecidas. Dessa forma, mesmo sem perceber buscamos sempre a intertextualidade para tratar de qualquer tema. São essas informações explicitadas em outros textos que servem de base para um bom entendimento textual. Os alunos que costumam ler bastante e tem uma ideia do uso da intertextualidade costumam entender os textos com maior facilidade e segurança, além de conseguir explorar muito bem esse critério.

Na questão da interpretação, o leitor que conhece muitos outros textos e se mantém informado, reconhece e entende facilmente a intertextualidade presente nos textos com que se depara. Para que isso ocorra, ele precisa conhecer o que é a intertextualidade e precisa praticá-la até ganhar proficiência. É fácil imaginar a confusão que seria encontrar-se com um texto que necessite do conhecimento prévio de outros para ser entendido em sua completude, sem que esses textos de apoio sejam conhecidos pelo leitor/ouvinte. Nesse caso, a dificuldade de interpretar torna-se muito maior e com certeza algum sentido, alguma intencionalidade de quem escreve vai passar despercebida, causando lacunas no entendimento geral da produção. Isso dentro de um vestibular, do ENEM ou de um concurso vai interferir na nota final. Mesmo na vida pessoal ou profissional, a falta de conhecimento sobre a intertextualidade interfere diretamente na compreensão dos discursos.

5. INTERTEXTUALIDADE E ENSINO

Como visto anteriormente, é inegável a contribuição da intertextualidade para o ensino de interpretação textual. A partir de um estudo mais profundo dos aspectos intertextuais o aluno pode ampliar sua visão acerca do texto, contribuindo para um melhor rendimento nas aulas de Língua Portuguesa e posteriormente nos exames avaliatórios que vier a fazer, além de afetar diretamente no seu entendimento de mundo e de discursos do cotidiano.

Não é novidade que os estudos escolares puramente gramaticais ainda têm recebido maior relevância que as demais áreas da Língua portuguesa. Geralmente, o texto e sua construção pragmática ficam em segundo plano, já que na visão das escolas o importante é trabalhar aspectos ligados à sintaxe e à ortografia, além de questões superficiais em relação aos sentidos da cadeia textual. Dessa forma, a análise textual pautada nas construções de sentido através dos aspectos da textualidade torna-se uma coisa irrelevante.

Em alguns casos, o professor fala sobre a intertextualidade e exemplifica, além de explicar que os alunos podem inserir isso em seus textos. Outros profissionais fazem isso de forma indireta, sem trabalhar e conceituar esse critério, usando, por exemplo, atividades de interpretação do livro didático. De qualquer

forma, ainda se faz necessário que o licenciado em Letras faça um trabalho mais comprometido com a intertextualidade.

Através do ensino da intertextualidade, o aluno irá compreender a importância de ler muitos textos, de estar sempre muito bem informado. A percepção desse fator pode contribuir para formar leitores mais assíduos, que poderão interpretar com maior eficiência. Irão, pois, adquirir uma carga de conhecimento prático da língua e da tessitura textual. Afinal, “operar com textos é uma forma de se inserir em uma cultura e dominar uma língua” (MARCUSCHI, 2008, p.90).

Além de trabalhar o conceito de intertextualidade, o docente deve praticar e mostrar aos alunos as várias faces com as quais ela pode aparecer. Essa importância de tratar os fatores intertextuais pode ser evidenciada na fala de Koch e Travaglia (1989b, p.95), que afirmam que as “questões ligadas á intertextualidade influenciam tanto o processo de produção como o de compreensão de textos e apresentam consequências no trabalho pedagógico com o texto”. Dessa forma, o aluno que for orientado a reconhecer os tipos de intertextualidade, poderá os utilizar nas suas próprias produções e também conseguirá diferenciá-las de forma muito mais fácil, se tornando capaz de decodificar as pistas de sentido deixadas pelos aspectos intertextuais.

6. A INTERTEXTUALIDADE NOS PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) são documentos de cunho federal feitos com o objetivo de indicar conteúdos, metas e conhecimentos que podem ser utilizados em sala de aula para nortear o trabalho docente e indicar caminhos para que as crianças e jovens de todo o Brasil tenham uma educação de qualidade. Nele cada disciplina traz um currículo escolar que consiga abranger os muitos conhecimentos que precisam ser adquiridos pelos alunos.

O currículo de Língua Portuguesa traz assuntos necessários para um conhecimento eficiente e concreto da língua. Portanto, o docente que pretende ensinar com responsabilidade deve atentar para tudo que está dito em suas páginas. Ao fazer a análise dos PCNs de Língua Portuguesa, é possível notar que o estudo textual ganha um lugar de destaque e traz a concepção de uma língua em movimento que depende também de fatores extralinguísticos. Sendo assim, a intertextualidade não poderia ficar de fora, atestando mais uma vez a importância desse estudo para o conhecimento dos alunos.

Podemos perceber uma preocupação com relação a um ensino que vise à leitura reflexiva e contextualizada. Isso pode ser verificado no seguinte trecho: “O leitor competente é capaz de ler as entrelinhas, identificando, a partir do que está escrito, elementos implícitos, estabelecendo relações entre o texto e seus conhecimentos prévios ou entre o texto e outros textos já lidos” (BRASIL, p.70, 1998). A questão intertextual torna-se, assim, de extrema relevância para o desenvolvimento de um aluno leitor, que consiga interpretar os sentidos do texto.

Os PCNs do Ensino Fundamental e Médio apresentam partes que mencionam a intertextualidade, porém nos ateremos aos parâmetros do Ensino Fundamental

anos finais (6º ao 9º ano). Alguns trechos desse PCN explicitam a relevância da intertextualidade para a interpretação textual, inclusive explicando a sua definição, como fica claro no trecho a seguir:

[...] todo discurso se relaciona, de alguma forma, com os que já foram produzidos. Nesse sentido, os textos, como resultantes da atividade discursiva, estão em constante e contínua relação uns com os outros, ainda que, em sua linearidade, isso não se explicita. A esta relação entre o texto produzido e os outros textos é que se tem chamado intertextualidade. (BRASIL, p.21, 1998)

Por meio desse trecho percebe-se que a intertextualidade ganhou lugar de destaque na recepção dos textos. Na página 35 do mesmo documento, as relações advindas desse critério da textualidade são tratadas mediante o uso prático dos discursos, ou seja, “processo de interlocução”, como sendo constitutivas para o desenvolvimento da significação. Já na página 33 fica visível a visão que o documento transmite acerca dos aspectos intertextuais para a interpretação dos textos. Nessa parte diz-se que o aluno deve conseguir analisar e avaliar criticamente vários textos, incluindo as suas produções e para isso se faz necessário identificar alguns critérios, tais como “referências intertextuais”.

Na parte em que estão explicitados os estudos acerca dos gêneros textuais, a intertextualidade foi citada, juntamente com outros fatores, como sendo um critério importante a ser reconhecido e analisado. Segundo o PCN, é preciso ter o

Reconhecimento do universo discursivo dentro do qual cada texto e gêneros de texto se inserem, considerando as intenções do enunciador, os interlocutores, os procedimentos narrativos, descritivos, expositivos, argumentativos e conversacionais que privilegiam, e a intertextualidade (explícita ou não). (BRASIL, p. 60, 1998)

Na parte que se refere à definição de critérios de avaliação do aluno, podemos notar, novamente, que a relação intertextual deve representar uma constante no ensino de interpretação textual. Conforme o PCN (BRASIL, 1998, p.96), a avaliação de Língua portuguesa deve levar em conta a expectativa de que o aluno consiga “Compreender textos a partir do estabelecimento de relações entre diversos segmentos do próprio texto e entre o texto e outros diretamente implicados por ele”.

7. PRÁTICA DA INTERPRETAÇÃO INTERTEXTUAL NO ENSINO FUNDAMENTAL ANOS FINAIS

Interpretar é algo que requer prática e entendimento da intertextualidade, como foi visto nas seções anteriores. Para analisar se o estudo da intertextualidade está presente nas aulas de interpretação e entender de que forma ele é trabalhado, partimos para a situação prática da sala de aula. Para isso, escolhemos dois textos para que o docente trabalhasse na sua aula e observamos a forma como esse orientou a interpretação dos alunos, os exercícios que foram passados e, principalmente, se ele comentou algum aspecto intertextual que estava presente nos dois textos. Atentaremos, pois, para a necessidade do reconhecimento da intertextualidade para a interpretação, sempre atrelando a construção do sentido de cada texto com esse critério da textualidade.

Partiremos do princípio de que precisa existir uma diversificação de gêneros no Ensino Fundamental anos finais. Já que os alunos são crianças e pré-adolescentes, que precisam entender que as produções textuais estão por toda a parte e que a intertextualidade é utilizada em todos os textos, inclusive os do cotidiano. Por esse motivo, foram escolhidas uma fábula e uma charge. O primeiro é um gênero textual bem conhecido pelas crianças e o segundo é bastante visto nos jornais ou na internet e por mesclar imagens e palavras consegue atrair um olhar mais atento dos alunos.

É importante demonstrar que a intertextualidade realmente está presente na vida prática e assim a tornar mais relevante na visão do aluno. Textos como músicas, propagandas, paródias e reportagens também conferem importantes gêneros para se verificar a intertextualidade. Sabemos que a literatura apresenta uma fonte muito importante de intertextualidade, mas ela não é a única. Trabalhar a intertextualidade apenas em gêneros literários pode dar a impressão de que a mesma é algo distante, que aparece apenas nos livros da biblioteca. Portanto, é interessante que os alunos tenham contato com textos que consigam capturar essa abrangência.

Os textos a seguir foram trabalhados em uma turma de 7º ano, contendo 23 alunos. O docente ficou livre para aplicar sua aula como de costume, trabalhando os aspectos que achar convenientes para a interpretação dos textos. Foram escolhidas duas aulas geminadas com cinquenta minutos cada uma para que os textos fossem observados com calma e pudessem suscitar debates, assim como foi pedido pelo professor.

Texto 1 – O galo que logrou a raposa

Um velho galo matreiro, percebendo a aproximação da raposa, empoleirou-se numa árvore. A raposa, desapontada, murmurou consigo: “Deixe estar, seu malandro, que já te curo!...”. E em voz alta disse:

– Amigo, venho contar uma grande novidade: acabou-se a guerra entre os animais. O lobo e o cordeiro, os gaviões e os pintinhos, a onça e o veado, a raposa e as galinhas, todos os bichos andam agora aos beijos como namorados. Desça desse poleiro e venha receber o meu abraço de paz e amor.

– Muito bem! – exclamou o galo. – Não imagina como tal notícia me alegra! Que beleza vai ficar o mundo, limpo de guerras, crueldade e traições! Vou já descer para abraçar a amiga raposa, mas... como lá vem vindo três cachorros, acho bom esperá-los, para que também eles tomem parte na confraternização.

Ao ouvir falar em cachorros, Dona Raposa não quis saber de histórias, e tratou de pôr-se ao fresco, dizendo:

– Infelizmente, amigo Có-ri-có-có, tenho pressa e não posso esperar pelos amigos cães. Fica para outra vez a festa, sim? Até logo.

E raspou-se.

Contra esperteza, esperteza e meia.

Fonte: LOBATO, Monteiro. Fábulas. São Paulo. Editora Brasiliense, 1994.

O professor que foi observado iniciou a interpretação do texto 1 centrando as explicações no reconhecimento das características referentes ao gênero fábula. Falou bastante sobre a escrita em prosa e sobre a questão da antropomorfização dentro do texto. Trabalhou a moral da história e incentivou os alunos a darem suas opiniões a esse respeito. Como atividade, ele propôs que os alunos escrevessem um pequeno texto analítico com cerca de quinze linhas contendo o que foi discutido em sala de aula.

Em resumo, o professor trabalhou questões muito interessantes e deu espaço para que os alunos desenvolvessem sua interpretação, o que já é algo bem elogiável, pois a maioria dos professores trabalha apenas os aspectos linguísticos e uma compreensão textual superficial. Podemos perceber isso com base no trecho a seguir:

Depois de analisadas as descrições das aulas, percebemos que não há aulas de leitura e interpretação textuais, essas práticas são somente etapas de um trabalho que tem outro objetivo: ou a escrita de algo, ou a explicação, ou a análise linguística, sempre trabalhando a leitura e interpretação como um passo para se chegar ao objetivo real da aula. (SOUZA, p.17, 2014)

Mesmo assim ele não atentou para questões intertextuais que poderiam ser trabalhadas. O que é algo normal, já que a intertextualidade que não é evidente geralmente passa despercebida. O docente poderia ter evidenciado a questão intertextual lembrando aos alunos dos textos de Ciências lidos por eles que tinham como tema a cadeia alimentar. Afinal, não se pode entender esse texto de forma completa sem saber que a raposa é predadora natural do galo, assim como o lobo do cordeiro, os gaviões dos pintinhos e a onça do veado. Portanto, a guerra citada pela raposa não é só uma briga, trata-se de uma questão de sobrevivência.

O medo que a raposa teve ao escutar o galo falar que cães estavam vindo pode ser associado ao discurso popular, aos textos orais que são escutados diariamente. Como se tratam de crianças de uma cidade do interior, com certeza já devem ter ouvido falar que cachorros são colocados próximos aos galinheiros com o intuito de afastar as raposas.

O desconhecimento desse convívio entre os animais citados no texto causaria uma interpretação falha das ações da narrativa. Ao traçar essa ligação entre a fábula de Lobato e os textos já vistos pelos alunos, é estabelecida uma relação de intertextualidade *lato sensu*, que fez com que o conhecimento de textos orais ou escritos relativos a esses animais auxiliassem no ato de ler proficientemente.

A intertextualidade tipológica também pode ser trabalhada no texto. O docente poderia relacioná-lo com outros gêneros que trouxessem sequências predominantemente narrativas, que se ligam por meio do uso de muitos verbos de ação e também de diálogos. Dessa forma, o aluno entenderia que vários textos comungam de aspectos linguísticos, mesmo não fazendo parte do mesmo gênero. E, assim, conseguiriam interpretar os textos também partindo das funções de cada tipologia textual.

Outro ponto a ser notado, partindo do viés da intertextualidade, é a vinculação com outras fábulas ou mesmo textos de outros gêneros que trouxessem a esperteza como tema principal. Partindo desse pressuposto, temos a intertextualidade temática, que pode ser notada em qualquer texto. Mesmo que os alunos conheçam fábulas que apresentam uma visão que contradiz a visão do texto 1 quanto a questão da esperteza, ainda assim existirá a ligação da temática.

Esse estudo intertextual, além de oferecer muito material para interpretação, dá respaldo para um debate que envolva o conhecimento dos alunos sobre outros textos, fazendo com que eles percebam os princípios da intertextualidade. Algumas questões escritas ou mesmo proferidas pelo professor para desenvolver o debate poderiam fazer com que os alunos percebessem a intertextualidade presente no texto. Questões como:

- Você sabe de informações acerca da relação desses dois animais na natureza? Se souber, onde e o que escutou ou leu sobre isso?
- Você conhece outros gêneros textuais que pareçam com esse?
- Qual o principal tema da fábula? Você conhece outros textos que tenham o mesmo tema? Se conhecer, cite algum texto e a mensagem que ele passa sobre a temática.

Texto 2 – Charge: aumento de salários



Fonte: <http://chargesbruno.blogspot.com.br/2010/12/>

Em se tratando do texto 2, o professor trabalhou muito bem a ligação da imagem com o texto escrito, fazendo com que os alunos percebessem que a interpretação também é feita observando aspectos não verbais, se existirem no texto. Prontamente, ele relacionou o texto com o contexto histórico, político e social, sempre estimulando que os alunos expusessem seus conhecimentos. Criou uma relação entre a imagem e os fatos que motivaram o artista a produzi-la dessa forma.

Dessa vez, o docente utilizou a intertextualidade, citando-a e trazendo para a discussão textos jornalísticos que falam sobre o aumento salarial dos políticos para contextualizar os alunos. Dessa forma, ele apresentou a intertextualidade temática, mesmo sem citar a definição ou a nomenclatura dessa variação. Trazer os textos jornalísticos e aplicá-los na reflexão do tema representou uma forma de atrair a atenção dos alunos e ao mesmo tempo mostrá-los a intertextualidade presente nas produções que circulam cotidianamente.

O título da charge já declara o tema ironizado, que é o aumento de salários e pela imagem se percebe que é para os políticos, em especial para os deputados. Esse texto faz referência à aprovação do aumento salarial assinado pelos políticos para eles mesmos. Sem saber desse caso, seria difícil construir o sentido total da charge. Por esse motivo, os alunos devem entender que os textos presentes na internet, na televisão, no jornal e no rádio promovem o entendimento de outros textos. Quem leu ou ouviu notícias sobre o aumento, conseguiu interpretar rapidamente a significação presente no texto humorístico. Isso foi de fato verificado na prática.

Outra relação que pode ser apresentada aos alunos é o desencadeamento desse fato, ou seja, o docente pode levar textos posteriores a esse, que contenham o desenrolar e repercussão desse tema na sociedade. Afinal, esses textos também manterão dependência de sentido com composições que exibem as situações anteriores a isso. Inclusive os textos podem ser do mesmo gênero, como várias notícias jornalísticas vinculadas por meios diferentes, como a internet, por exemplo. O docente pode colocar outros textos correspondentes a esse contexto social lado a lado para que os alunos consigam perceber também a intertextualidade *lato sensu* que existe entre as informações do momento político no qual as situações estão inseridas.

A intertextualidade aplicada ao contexto, à situação social contribui para a formação de cidadãos críticos, que buscam o entendimento de acontecimentos que mexem com a sociedade. De forma indireta, o estudo intertextual pode levar à reflexão sobre diversos assuntos da existência humana. Nesse caso, o professor pode se valer do caráter reflexivo para incrementar suas aulas e iniciar debates, nos quais os alunos podem expor as informações que têm em relação a determinado tema, movendo seus conhecimentos intertextuais, mesmo sem perceber.

O docente deve ensinar a intertextualidade sempre deixando que o aluno construa um aprendizado autônomo e concreto. Caso os alunos não consigam fazer a ligação do texto apresentado com outros textos, sobretudo no início da aprendizagem intertextual, o professor deverá dar pistas dessa vinculação de sentidos, assim como fez o professor observado. Para incrementar a aula analisada,

sugerimos algumas perguntas que podem ser feitas com o intuito de suscitar o entendimento desse critério, tais como:

- Qual o tema desse texto? O que você já ouviu falar ou leu sobre ele? Onde obteve essas informações?
- O conhecimento de outros textos te ajudou a entender a charge? De que forma?
- Sem conhecer nada sobre esse tema você conseguiria compreender a ironia presente no texto?

8. CONCLUSÃO

Depois dos estudos realizados acerca da relevância da intertextualidade para o ensino de interpretação textual nos anos finais do Ensino Fundamental, foi determinante entender que o texto se constrói por meio de aspectos linguísticos que precisam ser entendidos baseados em aspectos extralinguísticos que são de fundamental valor para a construção da coerência, ou seja, para a construção do sentido de forma geral. Como se viu, a intertextualidade é um desses critérios que integra o sentido do texto e dá respaldo para a sua interpretação. A conexão de sentidos e/ou de estrutura de um texto com outro é a definição mais simples e mais clara da intertextualidade.

Ao analisar os discursos de muitos teóricos e estudiosos da Linguística Textual, a relevância desse critério para a compreensão da cadeia textual foi realmente atestada. Muitas vezes, as lacunas de sentido do texto só podem ser preenchidas com os conhecimentos em relação a outros textos. Em outros casos a intertextualidade se torna necessária para compreender o sentido em sua totalidade e conseguir capturar a intencionalidade do produtor.

Com o auxílio dos Parâmetros Curriculares Nacionais, a questão do ensino da intertextualidade ficou bastante evidente. Partindo da leitura desse documento, ficou claro que esse aspecto da textualidade deve ser trabalhado em sala de aula, visando o desenvolvimento de jovens leitores, que consigam interpretar textos com habilidade e competência. Relacionar textos com outros textos ou com seus próprios textos passa a ser uma condição importante para a formação dos estudantes.

Depois das constatações feitas, ficou evidente que a intertextualidade merece lugar no ensino de interpretação textual. Ao observar a aula de interpretação, foi possível notar que nem sempre a intertextualidade é evidenciada pelo docente. As relações intertextuais que aparecem de forma pouco evidente e explícita nos textos não são tão citadas pelos professores e pouco compreendidas pelos alunos. Dessa forma, os docentes de Língua Portuguesa ainda precisam aprofundar os estudos intertextuais, demonstrando para os alunos que a intertextualidade é importante para a interpretação.

Para que o ensino de interpretação textual voltado para a intertextualidade seja realmente eficiente e consiga fazer com que os alunos entendam o conceito e o uso desse critério textual, é crucial que o docente trabalhe as tipologias e apresente textos de diversos gêneros na sala de aula, inclusive os textos orais, se a escola dispuser dos recursos necessários. Principalmente quando se trabalha com alunos

dos anos finais do Ensino Fundamental, que precisam de grande estímulo para ter domínio textual e, dessa forma, não ter problemas interpretativos nas séries posteriores.

Para finalizar, o docente precisa mostrar aos alunos que ter um conhecimento amplo de textos é essencial para interpretar. Eles devem perceber que a interpretação vai além de um simples ato de entender palavras e que a intertextualidade é um fator constituinte desse processo. Em suma, é inegável a contribuição da intertextualidade para criar um ensino de interpretação que realmente forme leitores que consigam entender o texto em sua completude e por isso precisa ser mais inserida no cotidiano da sala de aula.

Referências

BEAUGRANDE, Robert-Alain de; DRESSLER, Wolfgang U. **Introduction to Text Linguistics**. 2ª Imp., Londres, Longman, 1983.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Língua Portuguesa: Terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

COSTA VAL, Maria da Graça. **Redação e Textualidade**. 2ª Ed., São Paulo. Ed. Martins Fontes, 1999.

GALVÃO, Bruno. **Aumento Salarial**. Disponível em: <<http://chargesbruno.blogspot.com.br/2010/12/>> Acesso em: 08 de jun. de 2017.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e Comunicação**. 6ª Ed., São Paulo, Cultrix, 1873.

KOCH, Ingedore Grunfeld Vilaça. **Introdução à linguística textual**. 3ª Ed. São Paulo: Ed.Martins Fontes, 201

KOCH, Ingedore Grunfeld Vilaça; BENTES, Anna Christina; CAVALCANTE, Mônica Magalhães. **Intertextualidade: diálogos possíveis**. 3ª Ed., São Paulo: Cortez, 2012.

KOCH, Ingedore Grunfeld Vilaça; FÁVERO, Leonor L. **Linguística Textual: introdução**. São Paulo, Cortez, 1983.

KOCH, Ingedore Grunfeld Vilaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender os sentidos do texto**. 3ª Ed., São Paulo, Editora Contexto, 2013.

KOCH, Ingedore Grunfeld Vilaça; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Texto e Coerência**. 13ª. Ed., São Paulo, Cortez, 2011.

KOCH, Ingedore Grunfeld Vilaça; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **A coerência textual**. 18ª Ed., São Paulo, Contexto, 2013.

LOBATO, Monteiro. **Fábulas**. São Paulo. Editora Brasiliense, 1994.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

SCHMIDT, Siegfried J. **Linguística e teoria do texto**. São Paulo, Pioneira, 1978.

SOUZA, Daniela Farias de. **O processo de leitura e interpretação nas aulas de Língua Portuguesa à luz da Análise do Discurso**. In: UOX Revista Acadêmica de Letras-Português. Universidade Federal de Santa Catarina. n.02, 2014/1. Disponível em: <<http://revistauox.paginas.ufsc.br/atual/artigos-academicos/>> Acesso em: 20 de jun. de 2017.

Para citar este artigo

PEREIRA, C. E. de A. Intertextualidade: relevância para interpretação textual no ensino fundamental anos finais. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 10, n. 8, 2021, p. 127-146.

A autora

CONCEIÇÃO ÉRICA DE ANDRADE PEREIRA é licenciada em Letras pela Universidade de Pernambuco (UPE) com especialização em educação especial e práticas inclusivas pela UNIFACOL. Atualmente professora efetiva do estado de Pernambuco.